

SISTEMA DE RECOMPENSA NA CIÊNCIA E SUAS DISPARIDADES DE GÊNERO E RAÇA

SOUZA¹, LETÍCIA PEREIRA DE; SOUSA², RODRIGO SILVA CAXIAS DE

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Palavras-chave: Sistema de recompensa na ciência, Produtivismo

RESUMO

Estudo que interpreta as percepções acerca do sistema de recompensa na ciência e as disparidades em relação ao gênero e a raça no tocante ao capital científico, efetivadas por docentes e discentes dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, temática que se insere no espectro de estudo do campo científico, tendo por referência o paradigma social da Ciência da Informação.

Introdução

As análises sociológicas de Robert Merton acerca do sistema normativo da ciência constituem-se como elementos essenciais para compreender o as distintas formas de recompensa na ciência. Merton (1973) apresentou a ideia de que os cientistas, tendo como foco a ampliação e o progresso do conhecimento científico, obtinham consequentemente o reconhecimento acerca dos seus feitos e contribuições pela comunidade científica, tendo como referência o respeito aos princípios institucionais que regem as atividades científicas.

O reconhecimento científico pode ser compreendido como um reconhecimento simbólico, pois de acordo com Merton (1973) os direitos de propriedade na ciência fundamentam-se no reconhecimento por parte dos outros cientistas em relação aos resultados das pesquisas. Esse reconhecimento se edifica por meio de um sistema de recompensas que pode ser visto como um “subproduto do sistema de avaliação, entendido como um conjunto de processos e ações concretas de avaliação do desempenho dos cientistas, o qual deverá recompensar aqueles que se ajustam verdadeiramente às normas da instituição”. (ÁVILA, 1997)

Contudo, merece destaque o fato de que outra ocorrência observada por Merton no âmbito do sistema de recompensa na ciência são as vantagens cumulativas, de modo que certos indivíduos adquirem mais oportunidades do que outros de avançar no seu trabalho e prosperar nas suas áreas, o que ocasiona a desigualdade de acesso a recursos, e por conseguinte, a produtividade e ao reconhecimento. Segundo Merton

(2013, p.199) o primeiro conceito, vantagem cumulativa, aplicado ao domínio da ciência, refere-se aos processos sociais por meio dos quais vários tipos de oportunidades de pesquisa científica, assim como as recompensas simbólicas e materiais subsequentes aos resultados daquela pesquisa, tendem a acumular-se para os praticantes individuais da ciência, assim como também para as organizações implicadas no trabalho científico.

Considerando essa linha intelectual é prudente inferir, a partir do conceito de vantagem cumulativa, que a dinâmica do meio acadêmico se distancia da perspectiva de comunidade científica, uma vez que não se pauta na união entre pesquisadores e no compartilhamento desinteressado do conhecimento científico, em razão de que as vantagens acumuladas tendem a incidir de forma pontual em relação pesquisadores e organizações. Dessa forma, o acúmulo de vantagens contribui para, segundo Merton (2013, p. 200), incrementar sucessivamente a obtenção de mais vantagens, através de mais recursos e melhor estrutura, fazendo com que os indivíduos com maior produtividade obtenham, maiores recompensas e vantagens, passando a acumulá-las a ponto de ampliar as disparidades na ciência.

Discussão

A compreensão de que o produtivismo se materializa como consequência da incidência da dinâmica de mercantilização da produção científica ao meio acadêmico é a perspectiva de referência deste estudo. Tal perspectiva está balizada no fato de que, uma vez que os periódicos científicos se constituem como o principal meio de divulgação da produção científica, as editoras se consolidam como elo fundamental na cadeia produtiva do sistema de comunicação da ciência. Contudo, cabe ressaltar que, assim como existe uma hierarquia entre os indivíduos dentro do campo científico, também há uma hierarquia entre os veículos de comunicação científica, havendo uma ordem de prestígio entre os periódicos indexados que publicam resultados de pesquisa (MUELLER, 2006).

Sendo assim, a partir do momento que exista uma elite no mercado editorial de publicações científicas, pesquisadores tendem a publicar nas revistas melhor colocadas nesse ranking, se submetendo ao pagamento que as editoras exigem em prol de receber reconhecimento e aumentar seu capital científico. Sobre esse aspecto, Tuleski (2012) discorre: “Deste modo, cria-se um mecanismo de exploração pelo qual os pesquisadores não somente pagam para publicar, mas também para ler as revistas científicas com seus artigos.” Como consequência, institui-se o mercado de divulgação de resultados de pesquisa, que cria uma aproximação entre as esferas científica e econômica. Conforme Carlotto (2009):

A importância dessa outra forma de interação entre ciência e mercado deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que ela baseia-se no imperativo de divulgação dos resultados de pesquisa que, como condição fundamental do funcionamento das hierarquias de credibilidade da ciência, é tido como um dos pilares de sustentação da especificidade de funcionamento do regime científico.

Dessa forma, a lógica de mercado na ciência se apoia e se aproveita de uma das formas de reconhecimento que mais atribui crédito ao pesquisador, de modo que sua posição de prestígio se sustenta por um sistema de avaliação, principalmente das agências de fomento à pesquisa, que possui a quantidade de publicações como um dos principais indicadores.

Portanto, a partir do momento que a quantidade de publicações em periódicos bem avaliados se constitui como um ingrediente essencial para a que os pesquisadores se mantenham atuantes no campo e possam progredir academicamente, tais periódicos se beneficiam dessa lógica para lucrar com a divulgação de resultados de pesquisa, atuando na manutenção da lógica de mercado na ciência

Dessa forma, percebemos que uma série de elementos alimentam a lógica de mercado na ciência, envolvendo os pesquisadores, as universidades e os programas aos quais estão vinculados. Contudo, é importante contextualizar o ensino superior brasileiro, e, principalmente, a pós-graduação no Brasil, de modo que seja possível compreender outras questões ligadas à sociedade, como o racismo estrutural e institucional e as determinações de gênero, que se configuram como elementos que dificultam o acesso ao capital científico, bem como intervêm na produção do conhecimento de tais grupos no âmbito acadêmico.

Metodologia

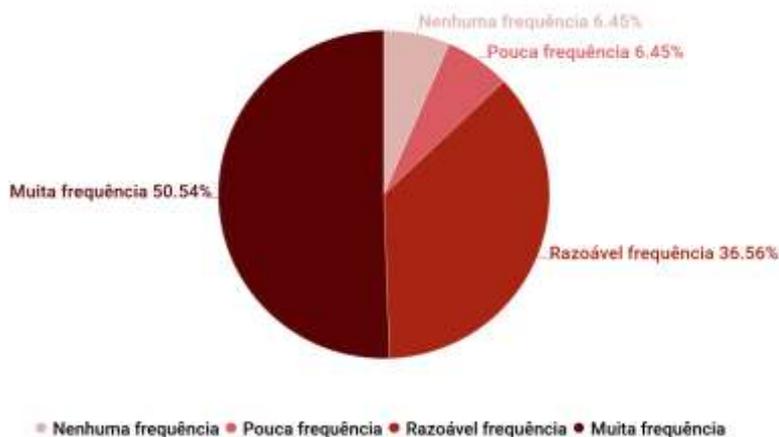
O estudo exploratório-descritivo utilizou a abordagem quanti-qualitativa, problematizando a incidência da lógica de mercado capitalista em relação à produção científica e discutiu o funcionamento do sistema de recompensa na ciência e sua relação com a prática científica. A data de efetivação das buscas nas bases de dados Google Scholar, Web of Science, Scopus e Dimensions ocorreu no dia 09 de maio de 2021. A disponibilização do questionário ocorreu na primeira semana de agosto de 2021, através do Formulários Google, respondido pelos pesquisadores pós-graduandos em ciência da informação. O questionário foi enviado para os coordenadores e para as secretarias dos cursos de pós-graduação em CI no Brasil. Posteriormente, os dados foram organizados em uma planilha .xls como forma de interpretação dos estudos.

A técnica para análise dos dados qualitativos foi a Análise de Conteúdo, a partir dos métodos elencados por Moraes (1999): preparação das informações; Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; Categorização ou classificação das unidades em categorias; Descrição e interpretação. O objetivo da utilização da técnica, portanto, foi interpretar os dados qualitativos obtidos através das respostas do questionário, possibilitando o entendimento acerca dos dados para posteriores análises e conclusões dentro da pesquisa realizada.

Análises

A primeira questão versou sobre com que frequência os participantes percebem que acontecem as disparidades de gênero e raça. As porcentagens das respostas estão representadas pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 - Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico



Fonte: elaboração própria.

Como podemos perceber, a maioria das pessoas (47) (50,54%) considera que as disparidades de gênero e raça acontecem com muita frequência no meio acadêmico. Dessas, 26 (55,32%) se autodeclararam brancas, 9 (19,15%) se autodeclararam pretas, 11 (23,40%) se autodeclararam pardas e uma (2,13%) se autodeclara amarela. O número de pessoas brancas se sobressai em todas as categorias visto que são a maioria absoluta de respondentes, contudo, chama a atenção que das 15 pessoas que se autodeclararam pretas em nosso estudo, a maioria delas (9) marcou a opção “muita frequência” na referida questão. Para 34 (36,56%) pesquisadores, as disparidades de gênero e raça acontecem com razoável frequência no meio acadêmico. Ou seja, para a maioria das pessoas as disparidades existem e acontecem com razoável ou muita frequência, visto que as duas categorias somam 81 (87,1%) do total de participantes. A menor parte dos pesquisadores acredita que as disparidades de gênero e raça acontecem com pouca (6) (6,45%) ou nenhuma frequência (6) (6,45%). Como foi dito, as pessoas autodeclaradas brancas representam a maioria dos respondentes de todas as alternativas trazidas pela questão, mas pontuamos aqui que as pessoas autodeclaradas pretas e pardas se concentraram nas duas primeiras alternativas “muita frequência” e “razoável frequência” demonstrando mais uma vez que são as pessoas acometidas por essas disparidades que mais as percebem. Para sintetizar, a partir da Tabela 1 vemos o total de pessoas brancas, pretas, pardas e amarelas, e quais as opções marcadas por elas nessa questão.

Tabela 2 - Fatores intervenientes em relação a produção científica no que concerne gênero e raça

Fatores que, no seu entendimento, se constituem como intervenientes em relação à produção científica no que concerne a gênero e raça.	Quantidade de respostas	Quantidade de respostas (%)
Fatores acerca do gênero e da raça	41	44%
Apenas fatores acerca do gênero	14	15,05%
Apenas fatores acerca da raça	4	4,3%
Respostas incoerentes	12	13%
Não entenderam/não opinaram	15	16,13%
Não percebem disparidades	7	7,52%
TOTAL	93	100%

Fonte: elaboração própria.

No primeiro momento, observamos como os pesquisadores demonstraram dificuldade em discorrer sobre fatores acerca da raça, uma vez que tais elementos aparecem nas 41 respostas que tratam dos dois assuntos concomitantemente e em outras 4 respostas que abordaram primordialmente a questão das disparidades de raça. Dessa forma, em 52 respostas não foi apontado nenhum elemento sobre qualquer desigualdade racial interveniente dentro da academia em relação à produção científica.

Para as 41 pessoas que articularam questões raciais e de gênero em suas respostas, os principais fatores que se constituem como intervenientes em relação à produção científica são: **maternidade, dupla jornada, preconceito racial, preconceito de gênero, racismo estrutural e questões socioeconômicas**. Dessa forma, os pesquisadores percebem, como já fora mencionado em questões anteriores, a jornada extra da mulher fora a academia (filhos, tarefas domésticas, etc.) como principal motivo para haver discrepância de produtividade entre mulheres e homens, para além disso, o preconceito aparece em muitas das respostas, de modo que mulheres e pessoas negras, e principalmente mulheres negras são as maiores vítimas, pois acumulam ambos os tipos de discriminação tanto na sociedade como na academia.

Outro aspecto apontado pelos respondentes foi o “fator socioeconômico” de modo que os participantes percebem que questões sociais afastam pessoas negras e indígenas da academia, visto que a maioria dessas pessoas ainda fazem parte da camada mais pobre da sociedade. Abaixo está elencada a resposta que melhor representa tal ideia:

Em relação a **mulher**, é a carga que ela carrega por ser mulher como a responsável por ser profissional, dona de casa e mãe, assim ter um grande número de funções e **se sobrecarregar**. Em relação a **raça**, o negro na sociedade brasileira carrega um grande **fardo histórico**, tem pouco mais de de um século que a houve a abolição dos escravos, faz menos tempo ainda que eles poderão ter acesso à educação e agora que está crescendo o número de negros no ensino superior, e a realidade é que a maioria dos

negros vem de família humilde em que conseguiram entrar no ensino superior mas tem que continuar trabalhando para sustentar a família, o que **sobrecarrega** a pessoa e a produção acadêmica acaba ficando de lado e não sendo uma prioridade. (Resposta do participante 83)

Segundo o informativo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” do IBGE (2019), a partir da avaliação do rendimento médio domiciliar per capita, vemos que as pessoas brancas ainda aparecem como as que possuem maior rendimento, sendo que 70% delas possuem 10% do **maior rendimento** per capita no Brasil, e 75% das pessoas pretas possuem 10% do **menor rendimento**. O que corrobora a visão dos pesquisadores de que fatores socioeconômicos influenciam não apenas no ingresso de pessoas pretas na Universidade, como também na permanência, na progressão dessas pessoas para a pós-graduação, uma vez que, como também foi apontado pelos participantes, esses pesquisadores precisam investir seu tempo em trabalho para além da academia, não podendo exclusivamente se dedicar à pesquisa.

Atrelando tais questões ao sistema de recompensa e ao produtivismo acadêmico, percebemos o quanto tal sistema pode ser injusto com aqueles que precisam enfrentar diversas barreiras antes mesmo de conseguir ingressar em uma Universidade, visto que a partir de uma lógica pautada na quantidade de produção, acabam por ter desvantagem no sistema avaliativo quando já estão inseridos no meio acadêmico, o que pode prejudicar sua trajetória como pesquisador, e pode ser uma das causas de observarmos tão poucos professores e professoras negras nos cursos de graduação e de pós-graduação. Dessa forma, 14 participantes elencaram apenas fatores relacionados à gênero na questão, de modo que acabaram repetindo o que haviam respondido em questões anteriores, corroborando a ideia de que mulheres possuem mais atividades fora da academia, e não fazendo nenhuma menção a questões raciais nessa pergunta.

Tratando-se da disparidade de gênero, a maternidade ganha destaque entre as respostas obtidas, uma vez que se consagrou como elemento de maior relevância no que se refere a desigualdade de gênero em relação à produtividade. Dessa forma, o acúmulo de tarefas atribuídas às mulheres como: filhos, tarefas domésticas, trabalho e academia, as coloca em desvantagem no que se refere ao tempo disponível para a pesquisa e para a produção científica.

A partir do estudo foi possível observar que a maioria dos pesquisadores percebe que existem disparidades de gênero e raça no meio acadêmico, e que tais disparidades acontecem com muita e com razoável frequência. Contudo, menos da metade dos respondentes discorreu acerca de fatores relacionados à raça que intervêm na produção científica. Sendo assim, as respostas obtidas desvelam contradições e tensionamentos que necessitam ser ampliadas a partir das percepções acerca da própria área.

Referências

ÁVILA, Patrícia. A distribuição do capital científico: diversidade interna e permeabilidade externa no campo científico. **Sociologia: problemas e práticas**, n. 25, p. 9-49, 1997

CARLOTTO, Maria Caraméz. O sentido da aproximação entre ciência e mercado em países periféricos: o mercado científico de patentes e de direitos autorais no Brasil. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a04v35n2.pdf> Acesso em: 10 maio 2021

MERTON, K. **The Sociology of Science**. University of Chicago Press, 1973.

MERTON, K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Editora 34, 2013.

TREIN, Eunice. RODRIGUES, José. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.48, p.769-819, set./dez. 2011.

TULESKI, S. A necessária crítica a uma ciência mercantilizada: a quem servem o publicismo, o citacionismo e o lema “publicar ou perecer”? **Psicologia em Estudo.**, v. 17, n. 1, p. 1-4, 2012